

O TESTEMUNHO NA LITERATURA DE FLUXOS MIGRATÓRIOS: O EXEMPLO DE USAMA AL SHAHMANI

TESTIMONY IN THE LITERATURA OF MIGRATORY FLOWS: USAMA AL SHAHMANI IN FOCUS

DOI 10.20873/uft2179-3948.2023v14n2p140-155

Dionei Mathias¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a intersecção entre literatura de testemunho e a literatura de fluxos migratórios, a fim de verificar como esses dois campos de estudo se interconectam. Na primeira parte, revisita conceitos-chave da literatura de testemunho, com o propósito de apresentar a fundamentação teórica adotada para a discussão. Na segunda parte, analisa o texto *In der Fremde sprechen die Bäume Arabisch* do escritor Usama Al Shahmani. O romance faz uso de diferentes estratégias para encontrar uma forma verbal, capaz de se aproximar da exposição das atrocidades perpetradas no Iraque.

Palavras-chave: Literatura de testemunho; literatura de fluxos migratórios; Usama Al Shahmani; *In der Fremde sprechen die Bäume Arabisch*.

Abstract: This article aims to discuss the intersection between testimonial literature and the literature of migratory flows, in order to verify how these two fields of study interconnect. In the first part, it revisits key concepts from the testimonial literature, in order to present the theoretical foundation adopted for the discussion. In the second part, it analyzes the text *In der Fremde sprechen die Bäume Arabisch* written by Usama Al Shahmani. The novel makes use of different strategies to find a verbal form, capable of approaching the exposition of the atrocities perpetrated in Iraq.

Keywords: Testimonial literature; literature of migratory flows; Usama Al Shahmani; *In der Fremde sprechen die Bäume Arabisch*.

Introdução

A paleta temática e formal da literatura de fluxos migratórios é complexa e ampla. Como campo literário, seu *corpus* tem se dedicado a escrutinar as experiências de atores sociais envolvidos em alguma forma de vivência migratória. Uma parte substancial desse escrutínio se volta para dinâmicas identitárias, práticas simbólico-culturais ou também lógicas de

¹ Doutor em Letras pela Universität Hamburg. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dioneimathias@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>

pertencimento. Ao mesmo tempo, muitos escritores apresentam relatos que recuperam testemunhos de vítimas que escaparam de regimes ditatoriais, das atrocidades de guerras, de perseguições das mais diferentes categorias. Esse elo entre testemunho e literatura de fluxos migratórios é o foco deste artigo.

A primeira parte do artigo, busca dialogar com as reflexões teóricas dedicadas à literatura de testemunho, a fim de identificar instrumentos analíticos centrais para a análise dessa produção literária. A segunda parte volta sua atenção para o romance *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch* (“No estrangeiro, as árvores falam árabe”, sem tradução para o português) do escritor iraquiano Usama Al Shahmani. Em seu texto, ele aborda a necessidade de fuga do país, o desaparecimento traumático de seu irmão e, sobretudo, também a violência perpetrada no Iraque antes e depois de Saddam Hussein. Nisso, mantém um olhar atento para o impacto que isso tem na escala familiar e nacional. Ao mesmo tempo, o texto encena os desdobramentos das experiências traumáticas e o modo como ele tenta lidar com isso, em seu refúgio na Suíça. Sua voz emerge desse conjunto de intersecções.

Como dissidente no seu país ele pertence a um grupo marginalizado, forçado a refugiar-se em outro país. Como estrangeiro na Suíça, ele pertence a um grupo minoritário que precisa se apropriar da língua dominante para poder alcançar esse público. Trata-se, portanto, de uma dupla marginalização, em que a voz encontra dificuldades expressivas para se enunciar e participar da produção discursiva. Radicado na suíça, Al Shahmani escreve em alemão e tem, portanto, como público primário leitores de língua alemã. Como Al Shahmani, muitos atores sociais oriundos de contextos migratórios, desencadeados por experiências traumáticas de perseguição, buscam compartilhar essas experiências com o público do novo país de assentamento.

O objetivo desse esforço também parece ser duplo: por um lado, há um movimento que busca articular as experiências traumáticas a fim de reaver uma espécie de controle subjetivo. Por outro lado, parece haver um movimento de engajamento social, com o intuito de chamar a atenção de um público que se encontra distante das atrocidades de seus países de origem, despertá-lo da letargia da indiferença e possivelmente provocar reações na comunidade internacional. Com efeito, a difusão do testemunho contribui para a circulação de conhecimentos, muitas vezes, silenciados, uma vez que regimes autoritários, por natureza, têm um interesse acentuado em velar as práticas persecutórias em seus países.

Na medida em que atores sociais oriundos de contextos migratórios relatam as experiências de seus países de origem, eles disseminam conhecimentos que, em grande parte,

permanecem obscurecidos nos seus contextos de origem. Ao mesmo tempo, eles buscam criar uma sensibilidade que permite ao público leitor vislumbrar os motivos que levam refugiados e outros migrantes a buscar refúgio em seus países.

1. O testemunho: algumas reflexões teóricas

A teorização do conceito de literatura de testemunho tem recebido atenção ampla e crescente, especialmente também por críticos literários brasileiros. Nesse horizonte, pesquisadores com os mais diversos objetos de estudo têm identificado no conceito do testemunho um instrumento-chave para a discussão de textos literários. Essa diversidade de objetos de estudo contribui para a riqueza da discussão, uma vez que as diferentes perspectivas trazem novas nuances, impedindo definições absolutas e totalizantes. Isso não sensibiliza somente para as diferentes genealogias do conceito, mas também treina o olhar para a complexidade inerente àquilo que o testemunho deseja compartilhar.

Com efeito, a voz que emerge da literatura de testemunho tem características múltiplas. Como em todos os outros gêneros e subgêneros literários, sua definição não é simples. Isto é, a prática de demarcação discursiva não se dá de modo descomplicado, especialmente porque textos literários, por natureza, tendem a apresentar propostas de desconstrução ou questionamento de práticas estabelecidas, justamente com o intuito de desestabilizar modalidades de percepção.

Além da transgressão de gêneros como estratégia de inovação formal, também há o empenho de encontrar uma forma que dê conta das experiências individuais e únicas do testemunho em si. Não raramente o testemunho contém relatos de extrema violência e barbárie. Permanece, portanto, para cada novo escritor que se aproxima desse gênero o desafio de encontrar primeiramente um fundamento verbal adequado, para depois organizá-lo de forma a produzir potenciais de sentidos que permitam ao leitor vislumbrar as implicações existenciais daquilo que o testemunho deseja relatar.

Em um de seus mais importantes estudos sobre esse gênero, Seligmann-Silva (2002) reconstrói a genealogia de duas práticas literárias que se dedicam ao testemunho: *Zeugnis* no contexto europeu e o *testimonio* no contexto americano. Segundo o teórico, a primeira se fundamenta nas questões do trauma, a segunda remonta à discussão em volta da mimesis. Ao constatar a intraduzibilidade dos conceitos entre si, o autor parece chamar a atenção para a necessidade de respeitar a unicidade das experiências individuais e das estratégias encontradas para expressar o impacto das mais diversas formas da violência.

O impacto da violência, em certa medida, também vai definir o escopo do dizível e, subsequentemente, também as estratégias para a expressão verbal desse impacto. Nesse sentido, Seligmann-Silva (1998, p. 10) escreve: “o testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena de violência, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição “realista” do ocorrido”. O que está em jogo, entre outros aspectos, é a tradução do real para a prática simbólica do verbo. Esse trabalho se depara com situações complexas, em que as respostas não são definitivas. Para Valeria de Marco,

O testemunho tem que falar do que viu e do que se passou sem poder instalar-se no presente com a tranquilidade de referir-se a um passado, pois sua vivência não cabe no campo do finito, do acabado; ela escapa à compreensão porque está irremediavelmente marcada pelo movimento do trauma: sucessivas aproximações de narração ou evocação que padecem do adiamento em encontrar uma expressão. Como inscrever esse testemunho do aniquilamento do homem nas páginas da modernidade confiante em sua vocação civilizadora? (MARCO, 2004, p. 55).

Pergunta-se, portanto, como traduzir o não dizível para a linguagem verbal, especialmente quando experiências traumáticas não permitem ao indivíduo encontrar uma forma de expressão, dado o excesso não processável inerente à vivência da violência. Nesse horizonte, todo texto literário inscrito na prática do testemunho parece representar também – especialmente quando o autor foi vítima/testemunha da violência – uma tentativa de encontrar mecanismos verbais de aproximação ao indizível. As soluções encontradas para esse desafio permanecem únicas. A consonância com as práticas de um determinado gênero literário permitem uma primeira aproximação ao texto, mas as soluções individuais apresentadas revelam as estratégias encontradas pela voz individual, para instalar potencial de sentidos. Essas estratégias buscam dar forma ao percurso do processamento dessas experiências.

As três características-chave identificadas por Moraña (1997) para a literatura testemunho remetem a essa busca pela forma, mas também ao percurso de processamento. Moraña (1997, p. 121) lista três intersecções: a) o nexos entre as experiências do testemunho e a informação mediada, b) o nexos entre a experiência vivida e o desejo de sua documentação, c) o nexos entre a realidade da experiência e a prática ficcional. Na primeira, a testemunha busca um meio de verbalização das experiências, com o objetivo de construir o fundamento para a própria voz. Na segunda, adota uma atitude de denúncia e crítica social, com o intuito de preservação da memória. Na terceira, busca uma solução para a forma, no limiar entre realidade e ficção, com a finalidade de instalar potenciais de sentidos e desencadear reflexões sobre o espaço compartilhado da vida. Esses três movimentos contêm estratégias de processamento das experiências, na medida em que se utilizam do código verbal para compreender os impactos

existenciais das experiências de violência. Ao mesmo tempo, também contêm um posicionamento por parte da testemunha que se nega a ter a voz silenciada.

Nessa busca pela forma, há uma atitude de resistência. Essa resistência pode se dar em termos políticos questionando as práticas de dominação e subordinação (MORALES, 2008, p. 198), mas também pode se estender à resistência ao silenciamento imposto pelo trauma ou à lógica da racionalidade moderna, com seus imperativos discursivos (como é o caso do objeto de estudo de Morales). Em todos esses casos, o movimento de resistência é também concomitantemente um esforço de conscientização, na esteira da discussão proposta por Yúdice (1992, p. 213), conforme o indivíduo vai obtendo maior clareza sobre seu lugar no mundo e sobre os condicionamentos discursivos que definem como ele pode enunciar sua voz, no contexto das práticas simbólicas locais. Esse percurso de conscientização atrelado a uma atitude de resistência reverbera como potencial de sentido inscrito no texto.

Alonso (2017, p. 63) nos alerta que, a despeito das muitas propostas teóricas para definir a literatura testemunho, não há soluções teóricas que consigam abarcar a multiplicidade dessa prática literária. Talvez mais importante que uma definição rigorosa e última do gênero sejam os diferentes questionamentos que essas propostas trazem a lume, desencadeando esforços de diferenciação. Para isso, é importante discutir como vozes se constituem no processo de representação e verificar que atitudes adotam diante da violência perpetrada. Estudiosos da literatura têm buscado reconstruir o posicionamento da voz que enuncia o discurso diante das experiências relatadas e compreender o conceito de verdade que emerge daquilo que é enunciado na literatura testemunho.

Seguindo a discussão de Sarmiento-Pantoja (2019), o testemunho pode ocorrer a partir de três posicionamentos: daquele que vivenciou e sobreviveu (*superstes*), daquele que viu e presenciou (*testis*) e daquele que ouviu e julgou o relato, sem ter participado (*arbiter*). Os desafios de processamento e enfrentamento das experiências traumáticas são diferentes para cada um desses posicionamentos. Na primeira situação, o indivíduo geralmente é confrontado com formas intensas de violência, conseqüentemente, com uma ameaça substancial a sua integridade física. Na segunda, o indivíduo testemunha imagens agudas da violência que passam a reverberar em sua ordem mental. Na terceira, não é alvo nem presença a violência, mas é receptor primário de um relato que pode abalar sua visão de mundo.

O ponto de partida da fala determina o que cada indivíduo precisa processar, antes de dar início à verbalização do relato. Juntam-se a isso os capitais psíquicos e linguísticos existentes antes das experiências traumáticas. A dimensão psíquica define o grau de impacto das

experiências traumáticas e o modo como essas experiências são integradas na organização anímica individual. A dimensão linguística define os instrumentos que o indivíduo possui para articular e organizar discursivamente as experiências testemunhadas. Enquanto algumas testemunhas têm habilidades psíquicas e linguísticas altamente sofisticadas, outras se encontram num estágio com menor desenvolvimento. A fala emerge, portanto, da intersecção entre o posicionamento específico frente àquilo que foi testemunhado e os capitais que indivíduo detém para poder processar e articular o conjunto das experiências.

As diferentes produções textuais abrigadas sob o teto da etiqueta de literatura testemunho vão reverberar essa constelação, ilustrando os percursos para a construção de fundamentos verbais. A unicidade do texto, portanto, não reside somente no teor das experiências enunciadas, mas também no percurso de construção da voz individual que emerge dos diferentes capitais disponíveis. Nesse sentido, o produto final na forma do texto é também um registro das tentativas de aproximação às experiências traumáticas e das estratégias adotadas, com base nas habilidades disponíveis.

Um outro elemento que tem recebido atenção na discussão teórica é o conceito de verdade, na intersecção entre discursos referenciais e ficcionais. Como no posicionamento da voz, também aqui a marca individual tem um lugar de destaque. Essa marca individual remete aos percursos de compreensão da verdade e das possibilidades de sua mediação. Em seu estudo voltado sobretudo a Shoah, Helmut Galle propõe o conceito de pacto testemunhal:

Propomos, portanto, que o pacto testemunhal sugere que o autor se compromete com a autenticidade da experiência narrada no texto, independentemente de as proposições serem referenciais. O texto deve ser lido como representação parcial e subjetiva do Holocausto. Ele reclama ser entendido como relato autêntico, com as licenças sancionadas pela fragmentariedade da percepção, pela fragilidade da memória, pelas limitações da linguagem e pela interpretação subjetiva de cada autor. Comparadas com o pacto factual, as licenças estão expandidas e certas cenas podem parecer mais vivas do que num simples relato: o autor, a partir da distância dos acontecimentos, pode ter usado a imaginação em vez da memória para reconstruir o passado. (GALLE, 2018, 176-177).

A discussão recupera elementos importantes do condicionamento individual e sua reverberação no texto, isto é, os limites da percepção, da memória, da linguagem e das dinâmicas de apropriação de realidade. Esses elementos problematizam a ideia de um acesso direto e imediato à realidade ou à verdade. No lugar de uma concepção simplista da verdade, o teórico adota o compromisso com a autenticidade como critério-chave da literatura testemunhal. Com base nesse compromisso e tendo em vista a perspectiva do emissor, a voz que enuncia o testemunho vai em busca de uma malha verbal adequada e organiza esse material

de modo a produzir um relato que lhe permita recuperar e mediar a autenticidade das experiências.

Nessa linha de argumentação, Sarmiento-Pantoja (2021) chama a atenção para a “potência da linguagem”:

Por ser produto de uma experiência pessoal e particular, o testemunho não escapa à subjetivação. Por isso, é sempre possível observar na narrativa do testemunho a afetação da técnica narrativa da ficção, sobretudo, para dar conta das situações narradas, que pelo nível de insuportabilidade, precisam ser constituídas de outros modos, daí a presença do teor ficcional no testemunho. Em causa está a potência da linguagem para a empatia, para a constituição da responsabilidade para com o outro. (SAMENTO-PANTOJA, 2021, p. 128).

A potência da linguagem parece ter dois vetores. Por um lado, ela reverbera o processo de constituição/recuperação de uma voz que emerge de experiências traumáticas. Trata-se, portanto, de uma linguagem que busca construir os fundamentos do si, por meio do exercício de representação através do código verbal. Por outro lado, a potência se encontra nas possibilidades de efeito no público leitor. Confrontados com o relato, leitores exercitam a arte de vislumbrar a realidade alheia, reconstruindo através do código verbal um conjunto de experiências que possivelmente não fazem parte de sua realidade. Em ambos os casos, o texto convida a refletir sobre a realidade e suas fronteiras, evitando concepções demasiado simplistas e apostando na necessidade de constante diferenciação.

2. Usama Al Shahmani: Testemunhos e estratégias textuais

Como muitos outros intelectuais, Usama Al Shahmani precisou fugir de seu país de origem, por conta de perseguições. Mirado como dissidente pelo regime de Saddam Hussein após a apresentação de uma peça de teatro de sua autoria, o escritor foge do Iraque em 2002. Ele acaba se refugiando na Suíça, onde passa os anos iniciais em abrigos para refugiados e onde começa a aprender a língua alemã. Da Suíça, Al Shahmani acompanha os acontecimentos em seu país, especialmente a Guerra do Iraque e os bombardeamentos de cidades como Bagdá, onde nasceu e estudou. Ele também acompanha os desdobramentos do vácuo de poder que se instala no país, acirrando a rivalidade entre xiitas e sunitas. Sua família permanece no país, enfrentando o caos que emerge da destruição bélica e do conflito violento entre agrupamentos políticos.

Seu relato apresenta duas frentes: os testemunhos pessoais do período quando ainda estava no Iraque e os testemunhos de terceiros sobre as atrocidades perpetradas no seu país de origem. Uma parte substancial do texto se dedica a processar o desaparecimento de seu irmão

no Iraque, um jovem no início de sua vida de estudante universitário. Escrito em língua alemã, os testemunhos têm como leitores primários o público de países receptores de refugiados. Nesse sentido, eles buscam sensibilizar para as dificuldades experimentadas por refugiados, mas também para a realidade sociopolítica no país de origem, com a finalidade de produzir uma melhor compreensão das dimensões existenciais que desencadearam a fuga.

A intersecção entre literatura de fluxos migratórios e a literatura de testemunho tem, portanto, um papel central no processo de tornar consciente o que ocorre em outras regiões do mundo. Tendo em vista o lugar hegemônico, na recepção literária internacional, ocupado pelas literaturas dos países abastados do Atlântico Norte, escrever numa língua europeia, muitas vezes, representa uma condição primária para ter êxito no mercado editorial e, assim, conseguir encontrar um público leitor que, de fato, tome conhecimento das atrocidades perpetradas em outros lugares do mundo. Assim, as vozes de escritores oriundos de contextos de fluxos migratórios, por vezes, logram algo que muitos de seus conterrâneos (que escrevem nas línguas de seus países de origem) não conseguem, isto é, alcançar um público maior, especialmente nos centros de poder do Atlântico Norte, mas também em espaços “periféricos”, majoritariamente dominados pela produção literária dos centros imperiais.

Esse nexos parecer propiciar um diálogo mais intenso, sobretudo, com a literatura de testemunho na América Latina. Dentre os grandes clássicos desse gênero, não foram poucos os autores que precisaram primeiramente se apropriar da língua dominante ou encontrar o apoio de alguém que os auxiliasse no processo de transposição de suas denúncias para uma linguagem passível de inserção no mercado editorial. Muitos escritores afiliados a esse gênero pertencem a grupos minoritários, cujos direitos e cuja participação nos respectivos países ainda precisam ser conquistados. O testemunho representa aqui e ali uma forma de construir uma voz.

Esse processo de construção faz experimentos com diferentes estratégias de enunciação. No texto de Al Shahmani, o teor ficcional e teor testemunhal claramente se entrecruzam. Juntam-se a isso os elementos estetizantes, especialmente na exposição da paisagem suíça e no modo como o refugiado dialoga com essa natureza exótica para o seu olhar. Por um lado, esse diálogo com a natureza apresenta uma dimensão intercultural, em que a voz narrativa se apropria dessas novas malhas simbólicas e aprende a decodificá-las, passando a depreender sentido da prática suíça de construção paisagística. Por outro lado, todas essas passagens também parecem conter a representação do processo de enfrentamento e processamento das experiências traumáticas. Ao interagir com a natureza, a voz narrativa busca reaver um elo perdido, possivelmente a confiança primordial fortemente abalada, não somente diante das

próprias experiências de perseguição, mas sobretudo também por conta do desaparecimento de seu irmão.

O trabalho de estetização, por sua vez, pode representar uma estratégia de recuperação da ordem, ao menos, no plano individual. Assim, a malha estetizante que atravessa o texto talvez configure uma espécie de sucedâneo ou mundo alternativo em que a (alguma) ordem pode ser restabelecida. Nessa leitura, a estruturação estética busca instalar um contrapeso à ruína estrutural que provém da destruição bélica e, sobretudo, à falência civilizacional que emerge da violência brutal no país. Dito isso, o trabalho de estetização não parece diminuir ou contradizer o teor testemunhal, pois ele configura uma estratégia individual de construção da voz, em que um indivíduo busca reaver alguma forma de controle. É essa sensação mínima de controle que, no fim, permite a enunciação do relato. Nesse horizonte, o teor ficcional não serve somente para preencher a fragmentariedade da memória. Ele parece representar também um dispositivo que permite ao indivíduo construir um fundamento, a partir do qual se aproxima dos extremos da dor e da indizibilidade. No texto de Al Shahmani, estas duas forças se contrapõem: o relato testemunhal do caos civilizacional em decorrência da guerra e da perseguição em oposição a um relato ficcionalizante que busca reaver alguma ordem no nível individual. A voz que emerge desse relato oscila entre essas duas formas de enunciação.

A voz é híbrida no que concerne à oscilação entre teor testemunhal e ficcional, mas também no que diz respeito à confluência de relatos oriundos de diferentes perspectivas. Nesse contexto, a hibridez assume uma conotação bastante diversa daquela geralmente encontrada nas discussões sobre a literatura de fluxos migratórios (muitas vezes atenta às diferenças culturais e suas fusões). No texto de Al Shahmani, a voz narrativa relata experiências próprias, mas insere, sobretudo, também experiências de familiares. Nesse último caso, o conceito de *arbiter* proposto por Sarmiento-Pantoja (2019) é especialmente profícuo, pois o narrador avalia aquilo que ouve de seus familiares e introduz isso em seu relato, para construir um panorama complexo da configuração social de seu país de origem.

Como refugiado, a voz narrativa vivencia o regime ditatorial de Saddam Hussein (AL SHAHMANI, 2018, p. 10) e precisa fugir por conta de sua atitude dissidente. Ele chega na Suíça na primeira metade de 2002, quando Saddam Hussein ainda estava no poder. Os desdobramentos políticos, após a queda do ditador, por sua vez, Usama não vivencia em primeira mão, mas os acompanha de forma muito próxima, com um alto grau de envolvimento. Esse envolvimento decorre primeiramente do fato de se tratar de seu país de origem e de ver sua família envolvida de forma extremamente penosa, quando seu irmão desaparece, mas

também do fato de que seu status de refugiado está diretamente atrelado à questão política no Iraque. O texto cria uma caleidoscópio com relatos da primeira fase, recuperando testemunhos próprios e de outros, e com relatos da segunda fase, sobretudo, do irmão Nassar, quando Usama se encontra na Suíça e acompanha de longe o acirramento da violência entre agrupamentos da sociedade iraquiana.

3. O testemunho individual

O lugar de enunciação na Suíça é importante, pois é ele que confere a segurança necessária para a produção do relato e para a concretização da resistência ao princípio da violência que impera em seu país. Esse lugar, contudo, também produz um sentimento de ambiguidade, intensificando a sensação total de despertencimento:

Fico no exterior, onde estou constantemente mudando no dilaceramento entre dentro e fora, mas onde, de uma ou de outra forma, sempre pertencerei aos outros? Eu seria então como um besouro que caiu de costas; eu me movia constantemente sem progredir. Ou volto para casa, onde o trauma espreita em cada esquina? A guerra traçou fronteiras entre nós, iraquianos, e o ódio entre religiões e grupos étnicos não desapareceu após a queda de Saddam, mas apenas aumentou. (AL SHAHMANI, 2018, p. 35)².

A passagem remete ao posicionamento da voz nas coordenadas sociais e ao horizonte de suas reflexões. Nesse processo, Usama busca compreender seu lugar entre os dois mundos, verificando o que as malhas simbólicas desses espaços lhe permitem ser. Sua reflexão resulta na constatação de que no país de acolhimento a marca da alteridade é ineludível, enquanto no país do origem a intensidade das experiências traumáticas o impedem de encontrar alguma forma de abrigo existencial. Excluído, em menor ou maior grau, dessas duas configurações referenciais, Usama encontra no texto literário uma estratégia de construir um lugar de pertencimento, a partir do qual consegue se aproximar das experiências penosas e inseri-las numa espécie de tessitura causal. Essa causalidade não é plena no sentido de explicar todos os nexos que produziram as experiências traumáticas, mas a busca de compreensão, que o texto também encena, revela uma tentativa de processamento.

² “Bleibe ich in der Fremde, wo ich mich in der Zerrissenheit zwischen innen und außen ständig ändere, aber so oder so immer zu den anderen gehören werde? Ich wäre dann wie ein Käfer, der auf den Rücken gefallen ist; ich bewege mich ständig, ohne voranzukommen. Oder kehre ich in die Heimat zurück, wo an jeder Ecke ein Trauma lauert? Der Krieg hat Grenzen zwischen uns Irakern gezogen, und der Hass unter den Religionen und Ethnien löste sich nach Saddams Sturz nicht auf, sondern verstärkte sich noch.“ (AL SHAHMANI, 2018, p. 35).

A busca pela causalidade e a procura por uma linguagem adequada indicam o esforço da voz narrativa para idear estratégias de enfrentamento. Numa passagem paradigmática, Usama fala das dificuldades de expressão enfrentadas quando tenta expor o teor do que testemunhou a sua esposa. Ela é de origem iraquiana, mas cresceu na Suíça. Ela fala árabe, mas não com a mesma competência de Usama. Usama, por sua vez, fala alemão, mas ainda não alcançou a proficiência nativa de sua esposa. Nesse limbo da língua, ele tenta expor suas experiências:

O que eu vivi no Iraque, o que a ditadura fez do povo e o que ainda me perseguia, ela não conseguia entender em árabe e eu não conseguia dizer em alemão. Ela perguntava e perguntava, mas eu não conseguia encontrar uma linguagem para as atrocidades da guerra civil do Iraque. A barreira parecia intransponível enquanto a última frase de Ali no telefone ressoava em meus ouvidos e me torturava: me tira daqui. (AL SHAHMANI, 2018, p. 66-67)³.

A falência da língua aqui é dupla. Num primeiro momento, ele se depara com a dificuldade de se fazer compreender, por conta das habilidades linguísticas. Para emissor e receptor, não há um fundamento linguístico comum que pudesse servir de instrumento para recuperar e representar por meio do código linguístico a intensidade das experiências penosas que assombram e ocupam a realidade de Usama. A passagem encena um acontecimento no microcosmo do espaço privado, mas essa dificuldade obviamente se estende para o macrocosmo social suíço, em que os esquemas referenciais são ainda mais diversos e a disponibilidade para buscar apreender o que o emissor deseja expressar tende a descrever exponencialmente.

Um segundo aspecto da falência linguística que perpassa essa busca por uma linguagem adequada remonta às experiências traumáticas, algo não infrequente na literatura de testemunho. Aqui Usama identifica os limites da língua nos seus potenciais de representação. Com efeito, ela não consegue encontrar um código verbal capaz de apreender a incomensurabilidade das experiências traumáticas. Essa busca por uma linguagem que minimamente consiga remeter àquilo que o testemunho deseja expressar permanece assombrada por memórias e conflitos. Dentre essas memórias, encontram-se as palavras de seu irmão, ao final da citação, como um chamado de ajuda ao qual Usama não consegue atender. O

³ “Was ich im Irak erlebt, was die Diktatur aus den Menschen gemacht hatte und was mich noch immer verfolgte, konnte sie auf Arabisch nicht erfassen, und ich konnte es auf Deutsch nicht sagen. Sie fragte und fragte, aber ich fand keine Sprache für die Grausamkeiten des Bürgerkriegs im Irak. Die Barriere schien unüberwindbar, während Alis letzter Satz am Telefon in meinen Ohren nachhallte und mich quälte: Hol mich hier raus.“ (AL SHAHMANI, 2018, p. 66-67).

fracasso e a impotência diante desse pedido só aumentam a sensação de que a língua não consegue dar conta do vivido. |

Em diferentes passagens em que Usama dá seu testemunho, essa busca por um código que permita recuperar a complexidade da violência se torna explícita. Isso ocorre, por exemplo, neste excerto, onde ele e sua avó são confrontados com a arbitrariedade das instâncias de poder no Iraque:

Os soldados me espancaram intencionalmente na frente da minha avó. Ela buscou contato visual comigo, eu entendi seu olhar, senti sua alma sofrer e tive medo de que ela morresse. Quando me levaram embora, ela olhou para mim como se estivesse me vendo pela última vez.

Essas pessoas podiam fazer o que quisessem conosco. Do nada, recebi um soco na cara. O gosto de sangue permaneceu em meus lábios por um muito tempo. (AL SHAHMANI, 2018, p. 138-139)⁴.

Usama experimenta a impotência de não poder se defender, num contexto onde qualquer réplica pode ser motivo para truculência. Ao mesmo tempo, ele também enxerga a impotência de sua avó que busca tecer um diálogo, sem recorrer ao código linguístico. Essa linguagem do corpo, aqui especialmente a semântica do olhar, resiste até os limites do possível, mas ao mesmo tempo também revela sua extrema vulnerabilidade. Como a voz do irmão que ressoa em sua mente com seu pedido de ajuda, o olhar de sua avó reverbera em seu corpo, indicando sua completa desesperança. Em ambos os casos, Usama vê um ente querido numa situação de profunda fragilização, sem poder reagir.

4. As vozes dos outros

Na tessitura de seu texto, Usama não apresenta somente seus próprios testemunhos. Ao longo do texto, ele insere os relatos de pessoas próximas, especialmente de seu irmão Nassar, com quem tem um contato mais frequente, mas também de outros. Essas vozes criam um panorama de diferentes momentos do acirramento da violência e das consequências que isso tem para a população civil. Essa reprodução das experiências alheias é central, pois mostra como a dificuldade de verbalizar os horrores não é um fenômeno isolado. Pelo contrário, muitas dessas vozes retratadas precisam encontrar um momento propício e um receptor sintonizado para achar as palavras.

⁴ “Die Soldaten hatten mich absichtlich vor den Augen meiner Großmutter geprügelt. Sie hatte Augenkontakt zu mir gesucht, ich verstand ihren Blick, spürte, wie ihre Seele litt, und hatte Angst, dass sie dabei sterben würde. Als sie mich mitnahmen, schaute sie mich an, als würde sie mich zum letzten Mal sehen. Jene Leute konnte mit uns machen, was sie wollten. Aus dem Nichts erhielt ich einen Schlag ins Gesicht. Der Geschmack des Blutes blieb lange auf meinen Lippen.” (AL SHAHMANI, 2018, p. 138-139).

Nesse horizonte, o texto de Usama estende seu esforço de articulação do trauma da esfera individual para uma esfera mais ampla, especialmente da família. Propiciar as condições para a emissão, ouvir a mensagem com participação e compartilhar o teor testemunhal com outros são etapas fundamentais e revelam uma atitude frente ao compromisso testemunhal. Ao obter permissão de assentamento na Suíça, Usama também acaba tendo acesso a condições básicas para articular e escrever sobre as truculências no Iraque. Para muitos de seus conterrâneos no Iraque e no exílio europeu, isso nem sempre é o caso. Desse modo, a representação desses testemunhos alheios assume uma importância ainda maior, pois rompe um silêncio – este não produzido somente pelo trauma – que emerge das dimensões socioestruturais.

Uma dessas passagens recupera o relato no pai. O acontecimento tem um impacto profundo sobre Usama, pois ele raramente presencia o pai em lágrimas. Quando ele conta o que viu, é a segunda vez que o filho o vê chorar, num contexto extraordinário:

A segunda vez, quando ele também contou à minha mãe sobre um incidente com um camponês iraquiano. A elite de Saddam cercou e vasculhou uma aldeia. Quando encontraram uma arma velha na casa de um camponês, espancaram-no brutalmente na frente de sua família. Eles mataram as duas vacas que a família do camponês possuía, vendaram os olhos e as mãos do camponês e o levaram embora. Na década de 1980, as forças de Saddam reprimiam intensamente os curdos no norte e os xiitas no sul. (AL SHAHMANI, 2018, p. 62)⁵.

A passagem traz um testemunho da onipresença da violência. Aqui o foco não é a família, mas sim, cidadãos aleatórios confrontados com a máquina de violência e arbitrariedade do regime. Como na cena com a avó, há um esforço por parte dos detentores de poder de que a violência seja testemunhada por terceiros, certamente com a finalidade de causar terror entre os próximos e assegurar que as notícias desse terror circulem, para neutralizar qualquer tentativa de resistência. Para isso, intensificam a produção de medo, usando as vendas, mas também matando animais que dão sustento à família. O objetivo é produzir a submissão completa, sem qualquer espaço para réplica ou questionamento.

Embora o pai não seja vítima de violência nessa cena, ela reverbera em sua existência. As imagens intensas de violência, arbitrariedade e medo fundamentam a constituição de seu

⁵ “Das zweite Mal, als er ebenfalls meiner Mutter eine Begebenheit mit einem irakischen Bauern erzählte. Die Elite Saddams hatte ein Dorf umkreist und durchsucht. Als sie im Haus eines Bauern ein altes Gewehr fanden, verprügelten sie ihn auf brutalste Weise vor den Augen seiner Familie. Sie brachten beide Kühe um, welche die Bauernfamilie besessen hatte, verbanden dem Bauern Augen und Hände und nahmen ihn mit. In den Achzigerjahren gingen Saddams Einheiten hart gegen die Kurden im Norden und die Schiiten im Süden vor.“ (AL SHAHMANI, 2018, p. 62).

ser. As lágrimas paternas, especialmente sua raridade, parecem ser um indício da dificuldade de encontrar palavras para relatar o que testemunhou. Como ouvinte, Usama avalia o relato do pai e o insere em seu texto, concatenando-o com outros testemunhos, a fim de produzir uma imagem mais abrangente das experiências traumáticas que afetaram muitos de seus conterrâneos.

No testemunho paterno, a violência de estado se dá por meio das forças armadas. Em outras passagens, essa mesma violência se faz presente no sistema judiciário, deixando atores sociais à mercê de instâncias que já não se atêm a direitos fundamentais:

Havia pessoas desaparecidas que foram sequestradas por milícias e acabaram em alguma prisão. Naser uma vez me disse que muitos jovens foram mantidos em cativeiro por meses sem que seus nomes fossem questionados. Alguns foram torturados para confessar crimes que não cometeram. Os sunitas tinham prisões para xiitas e xiitas para sunitas. [...] Muitas pessoas foram torturadas até a morte na prisão central de Abu-Ghraib e seus corpos nunca foram encontrados.” (AL SHAHMANI, 2018, p. 86)⁶.

Aqui, Usama recupera o testemunho de seu irmão Naser. A passagem ilustra como qualquer pessoa pode ser alvo da arbitrariedade estatal, sem ter direito a informações. O encarceramento, a manutenção do sujeito no sistema prisional, o interrogatório são exemplos dessa arbitrariedade, contra a qual o sujeito isolado não tem como se defender. A tortura se junta a isso, para assegurar que o aparato do regime alcance o que deseja, sem refrear diante da possibilidade de morte. Assassinas na prisão, essas pessoas já não têm voz para testemunhar os horrores perpetrados em nome de uma convicção.

Isso também vale para os corpos que chegam ao necrotério. É ali que o irmão Naser vai em busca do caçula desaparecido, na esperança de encontrar alguma informação que pudesse dar certeza à família. O que Naser testemunha nesse espaço vai para além da esfera familiar, tocando a realidade de muitas famílias:

Frequentemente, não sei dizer com que frequência. A maioria das vítimas são jovens e desfiguradas - mutiladas, torturadas, cobertas de sangue. Então comecei a ir para lá também, antes que os corpos fossem trazidos. Enquanto isso, também não havia espaço suficiente na câmara frigorífica e, portanto, os que esperavam foram levados direto para os cadáveres frescos na esperança de economizar trabalho e espaço se as pessoas levassem seus parentes com eles. [...] O ódio entre os sunitas e os xiitas

⁶ “Es gab Verschwundene, die von Milizen entführt wurden und in irgendeinem Gefängnis landeten. Naser hatte mir einmal gesagt, dass viele junge Menschen unter der Erde gefangen gehalten würden, monatelang, ohne gefragt zu werden, wie sie heißen. Manche wurden gefoltert, um Taten zu gestehen, die sie nicht begangen hatten. Sunniten hatten Gefängnisse für Schiiten und Schiiten solche für Sunniten. [...] Viele Menschen waren im Zentralgefängnis Abu-Ghraib zu Tode gefoltert worden, und ihre Leichen wurden nie gefunden.“ (AL SHAHMANI, 2018, p. 86).

creceu insanamente grande, você pode ver isso nas mutilações e vestígios de tortura. Ficou cada vez mais extremo. (AL SHAHMANI, 2018, p. 104)⁷.

A passagem condensa a intensidade da violência e a extensão das atrocidades produzidas pelo ódio. A máquina de enfeixamento desse ódio se revela tão bem articulada, a ponto de conseguir transformar o corpo alheio em objeto, sem qualquer restrição moral. Nesse contexto, não se enxergam indivíduos, mas seres coisificados, alvos de destruição inquestionada. O corpo deixa de ser sagrado, para se transformar em superfície de expressão de uma sanha desenfreada. Aqui, o testemunho se opõe a uma voz extremamente bem articulada, que consegue conduzir o princípio de volição das massas.

Considerações finais

Como voz proeminente da literatura de fluxos migratórios nas literaturas de expressão alemã, Usama Al Shahmani apresenta um relato impactante que convida o público leitor a voltar sua atenção para as atrocidades perpetradas no Iraque. O texto recupera testemunhos que decorrem de experiências vividas pelo autor, mas também dá voz a outros, cujos relatos constituem um panorama complexo e abrangente da violência cometida durante o regime de Saddam Hussein e no período após a sua queda.

Em diferentes níveis, o texto encena e ilustra as estratégias de obtenção de voz. Trata-se, antes de mais nada, de um refugiado que se apropria da língua estrangeira do país de acolhimento, a fim de participar da produção discursiva local e, assim, estabelecer um canal de comunicação para mediar o teor testemunhal de suas experiências. O texto também ilustra os percursos de aproximação às experiências traumáticas, enveredando por diferentes caminhos, a fim de conseguir encontrar palavras que possam transmitir suas vivências. O exemplo de Usama Al Shahmani reforça a importância de investigar os nexos entre literaturas de fluxos migratórios e seus diálogo com a literatura de testemunho.

Referências

⁷ “Oft, ich kann dir nicht sagen, wie oft. Die meisten Opfer sind jung und entstellt – verstümmelt, gefoltert, blutüberströmt. Ich begann dann auch hinzugehen, bevor die Leichen gebracht wurden. Mittlerweile gab es auch zu wenig Platz im Kühlraum, und so wurden die Wartenden gleich zu den frischen Leichen gelassen in der Hoffnung, Arbeit und Platz zu sparen, wenn die Menschen ihre Angehörigen gleich mitnahmen. [...] Der Hass zwischen den Sunniten und den Schiiten ist wahnsinnig groß geworden, man kann ihn an den Verstümmelungen und Folterspuren ablesen. Es wurde immer extremer.” (AL SHAHMANI, 2018, p. 104).

ALONSO, Noemí Acedo. El género testimonio en Latinoamérica: aproximaciones críticas en busca de su definición, genealogía y taxonomía. *Latinoamérica: Revista de estudios Latinoamericanos*, Cidade do México, n. 64, p. 39-69, 2017.

AL SHAHMANI, Usama Al. *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch*. Zürich: Unionsverlag, 2022.

GALLE, Helmut. O testemunho: um novo paradigma da ficção? In: GALLE, Helmut P. E.; PEREZ, Juliana P.; PEREIRA, Valéria S. (Org.). *Ficcionalidade: uma prática cultural e seus contextos*. São Paulo: FFLCH/USP: FAPESP, 2018, p. 167-186.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004.

MORALES, Leonidas. La verdad del testimonio y la verdad del loco. *Revista Chilena de Literatura*, Santiago, n. 72, p. 193-205, 2008.

MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: MORAÑA, Mabel (ed). *Políticas de la escritura en América Latina: de la Colonia a la Modernidad*. Caracas: ExCultura, 1997, p. 113-149.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. *Literatura e autoritarismo*, Santa Maria, n. 32, p. 5-18, 2019.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto Nascimento. Entre frestas: considerações sobre o teor ficcional, o teor de verdade e o teor testemunhal. *Revista Moara*, Belém, n. 56, v. 2, p. 112-139, 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Zeugnis” e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 6, p. 67-83, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. *Revista Letras*, Santa Maria, n. 16, p. 9-37, 1998.

YÚDICE, George. Testimonio y concientización. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima, n. 36, p. 211-232, 1992.

*Recebido em 04 de abril de 2023
Aceito em 26 de setembro de 2023*